

BIOTERRORISMO E OS PLANOS NACIONAIS DE PREPARAÇÃO E RESPOSTA A ESSA AMEAÇA

Leonardo Soares de OLIVEIRA*

O último surto de gripe, que já alcançou o nível de pandemia e começou no México há algumas semanas disseminando-se pelos demais países, levantou a preocupação inicial sobre os seus danos à saúde da população mundial. O problema maior disso, porém, está na forma como ocorreu ou vem ocorrendo, pelos responsáveis nacionais, a administração do controle da crise.

É possível hoje afirmar, através de estudos na área, não somente que determinados surtos infecciosos ou mesmo epidemias não ocorreram naturalmente ao longo da história, mas que foram obra da intervenção humana; e que o emprego deliberado de agentes biológicos, sobretudo em conflitos, foi uma prática comumente difundida no passado.

No século XX, um exemplo foram as atividades da Unidade 731, responsável pelo programa biológico do Japão na região da China ocupada durante a 2ª Guerra Mundial. Sabe-se, também, que, na Guerra Fria, as duas superpotências possuíam estoques dos patógenos mais letais existentes para emprego numa eventual deflagração do conflito.

Atualmente, um tema relevante na discussão internacional de defesa e segurança, muito como reflexo dos ataques de 11/09, é o terrorismo. Aspecto de repercussão nesse debate é o risco de aquisição e uso, por certas organizações ou mesmo Estados, de armas de destruição em massa (ADM) em ações terroristas.

A proposta deste trabalho, portanto, é analisar a ameaça que as assim chamadas ações “bioterroristas” representam à segurança mundial neste início de século, e ainda investigar como são estabelecidos os planos nacionais de preparação e resposta a essa ameaça.

Embora haja divergências quanto a sua definição, o sentido mais usado para terrorismo é que seja “(...) um estratagema voltado para alterar rapidamente a correlação de forças. Tem como fim uma meta política; emprega como meio de ação uma forma específica de emprego da força – o terror; [procurando] induzir no alvo um

* Mestrando em História pela Universidade Estadual Paulista – Unesp/Franca

comportamento que permita derrotá-lo” (DINIZ, 2002). Bioterrorismo, portanto, são ações terroristas utilizando, como meio, armas biológicas para o alcance de um certo propósito político.

As armas biológicas são os agentes biológicos operacionalizados para emprego contra um determinado alvo. Os agentes biológicos, por sua vez, são organismos vivos cuja principal característica é a sua capacidade permanente de multiplicar-se em hospedeiros. São classificados de acordo com a sua taxonomia (fungos, bactérias e vírus) e certas propriedades, como infecciosidade, virulência, letalidade, patogenicidade, período de incubação, forma de transmissão e estabilidade (WHO, 1970). Além disso, são mais apropriados para atingir e causar baixas em massa de civis vulneráveis do que destruir unidades militares do inimigo, o que revela o seu baixo valor militar, mas o seu grande potencial estratégico (DAVIS; GRAY, 2002).

A atração que as armas biológicas desperta ocorre devido ao baixo custo e à relativa facilidade de acobertamento de um programa voltado ao seu desenvolvimento (*Idem*). No entanto, a sua operacionalização para emprego (“weaponization”) demanda um alto grau tecnológico e requer, por conseguinte, acesso a recursos restritos. Ainda assim, as armas biológicas aparecem como o meio mais acessível à ação terrorista para provocar o maior número de baixas possíveis a um baixo custo e, por isso, são chamados de “a bomba atômica dos pobres”.

Os planos nacionais de preparação e resposta à ameaça biológica devem possuir uma abordagem multidisciplinar, que integre defesa civil, resposta emergencial, cumprimento da lei, saúde pública e equipes médicas especializadas; e obedecer às seguintes ações de gerenciamento de risco: 1- identificar o perigo, 2- analisar o perigo para determinar o risco inicial (probabilidade e severidade), 3- apresentar estratégias de redução do risco, 4- mensurar o risco residual e tomar decisões de aceitação desses riscos, 5- monitorar o programa de administração de risco e repetir o processo quando requerido (WHO, 1970).

BIBLIOGRAFIA

- DAVIS, M. R.; GRAY, C. S. Weapons of Mass Destruction. In: BAYLIS, J. et al. **Strategy in the Contemporary World**. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 2002.
- DINIZ, E. Compreendendo o terrorismo. In: Encontro Nacional da Associação Brasileira de Ciência Política, 3., 2002, Niterói, RJ.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Health Aspects of Chemical and Biological Weapons: Report of a WHO Group of Consultants. Geneva, 1970.